

# NARRATIVAS DE ATLETAS DE VOLEIBOL NOS JOGOS OLÍMPICOS (1964 E 1968)

**Eduardo Klein Carmona**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

**Carolina Fernandes da Silva**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

**Janice Zarpellon Mazo**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

## Resumo

Este estudo tem como objetivo reconstruir as memórias das participações dos atletas sul-rio-grandenses de voleibol nos Jogos Olímpicos de 1964 e 1968. Deste modo, busca, por meio da história oral, historiar narrativas da vida esportiva dos primeiros atletas sul-rio-grandenses a participarem na modalidade voleibol nos Jogos Olímpicos: Marco Antônio Volpi e Gérson Albino Schuch. Marco Volpi foi considerado o melhor jogador brasileiro na competição, nos Jogos Olímpicos de Tóquio (1964). Integra novamente a seleção brasileira de voleibol nos Jogos Olímpicos de 1968, no México, juntamente com o conterrâneo Gérson Schuch. Ambos eram praticantes de outros esportes nos clubes da capital sul-rio-grandense, além de se destacarem no voleibol. Os depoimentos demonstram que a experiência olímpica é constantemente atualizada na memória do atleta que a vive, assim como o auxilia na construção de sua identidade esportiva.

**Palavras-chave:** Voleibol. História do Esporte. Jogos Olímpicos.

---

## Introdução

Às vésperas da realização dos Jogos Olímpicos (JO) de Verão na cidade do Rio de Janeiro, os primeiros no continente sul-americano, torna-se propício rememorarmos o passado esportivo brasileiro. No decorrer das edições dos JO, enquanto alguns atletas foram alçados à glória, por meio de seus feitos esportivos, outros se tornaram esquecidos. A participação em uma competição com a expressão internacional dos JO é um momento marcante na memória e na carreira de um atleta.

Em geral, as publicações (RUBIO, 2004; 2006) sobre a participação brasileira nos JO enfocam os atletas medalhistas e lhes dão ainda mais destaque, porém são escassas as pesquisas que se referem a atletas que não conquistaram medalhas de ouro, prata e bronze (MARTINI, 2013; RUBIO, 2015). Cabe destacar que, como a imprensa brasileira de décadas passadas dedicava pouco espaço a trajetória dos atletas não medalhistas, esta também tornou escassas as fontes de informações acerca desses atletas. De tal modo que, quando são encontrados registros, poucas são as informações sobre sua participação nos JO.

As primeiras participações brasileiras nos JO foram, principalmente, por meio de atletas oriundos dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro (MARTINI, 2013). Todavia,

foram encontrados indícios que atletas do estado do Rio Grande do Sul também fizeram parte da representação brasileira em várias edições dos JO. Porém, como ocorreu nos JO de 1964 e 1968, tais participações foram desenvolvidas por pequeno número de atletas.

Com a inclusão do voleibol no programa olímpico, a partir dos Jogos de Tóquio/Japão, em 1964, o Brasil disputou todas as edições que se seguiram, ao enviar equipes para competir nesta modalidade. De acordo com Marchi Júnior (2000), as décadas de 1960 e 1970 foram marcantes em termos de transformações, transições histórico-sociais e esportivas no Brasil. “Neste recorte temporal, internacionalmente falando, o Voleibol apresentou-se como expoente esportivo em termos de evoluções e de novas incursões” (MARCHI JÚNIOR, 2000, p. 142).

Destarte, já na primeira delegação brasileira de voleibol, enviada aos JO de 1964, havia um atleta sul-rio-grandense: Marco Antônio Volpi. A convocação se repetiu na edição subsequente, em 1968, ocorrida na Cidade do México. Mas, além de Marco Volpi, mais um atleta sul-rio-grandense fez parte da equipe, Gérson Albino Schuch (SCHMIDT; SANTOS, 1999).

Diante do panorama apresentado, o objetivo do estudo é reconstruir as memórias das participações dos atletas sul-rio-grandenses de voleibol nos JO de 1964 e 1968. Desta maneira, a pesquisa busca construir narrativas da vida esportiva dos atletas Marco Antônio Volpi e Gérson Albino Schuch por meio, principalmente, da história oral (ALBERTI, 2004). As entrevistas são a principal fonte de comunicação com o passado. Juntamente a essa construção de fontes foi realizada uma revisão bibliográfica em dissertações, artigos, livros, jornais e revistas.

Desse modo, o estudo trata de conhecer a trajetória dos atletas antes, durante e após a participação nos JO, bem como contribuir para o desenvolvimento da História do Esporte no Brasil, pois tal metodologia de pesquisa apresenta grande valia para o campo da Educação Física e dos Esportes, uma vez que, além de permitir preencher lacunas na história, também confere representatividade aos sujeitos históricos (SILVA; PEREIRA, MAZO, 2013). A produção das fontes orais ocorreu por meio da gravação de entrevistas com os atletas Marco Antônio Volpi e Gérson Albino Schuch, objetos da pesquisa. Além disso, para complementar as informações, ainda foi utilizada uma entrevista coletiva dos irmãos Júlio César Volpi, Marco Antônio Volpi e Valmy Volpi, extraída do repositório digital da UFRGS, o LUME.

Como foram utilizadas entrevistas individuais e coletivas, o estudo foi guiado por dois conceitos fundamentais vinculados à História Oral: memória individual, a dos esportistas, e memória coletiva, pois a memória de uma família foi abordada na análise. A memória coletiva é um conceito elaborado por Maurice Halbwachs (1925; 2006). Este autor afirma que as lembranças poderiam ser organizadas de duas maneiras: agrupadas em torno do ponto de vista de uma só pessoa, como uma memória individual, ou se distribuindo no interior de uma determinada sociedade, na memória coletiva (HALBWACHS, 2006).

Para fins desse estudo, se considera a memória como “instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos” (BARROS, 2009, p. 37). Desta maneira, se busca decifrar os significados impressos nos depoimentos, uma vez que para a memória o principal é a reação que o fato causa no indivíduo. E, assim, a partir disso, construir uma História.

Segundo Silva e Silva (2006), enquanto a História representa fatos distantes, a memória age sobre o que foi vivido, pois enquanto existe uma História, existem muitas memórias (HALBWACHS, 2006). Segundo José D’Assunção de Barros (2009, p. 36), a memória e a História são construções que podem interagir uma sobre a outra. No entanto,

refere que são instâncias bem distintas entre si, embora em permanente interação (BARROS, 2009, p. 36), o que permite que a memória seja um dos instrumentos da História.

Para além de uma contribuição à preservação da memória esportiva brasileira, como forma de manter vivas as histórias de personagens que fazem parte de nosso passado esportivo espera-se, também, trazer evidências de como era a participação no esporte de alto rendimento em tempos nos quais predominava o discurso do amadorismo no esporte. Ainda, os subsídios aqui apresentados permitem refletir sobre os sentidos e significados dos JO e quais os caminhos percorridos para se tornar um atleta olímpico. Em vista disso, o artigo está dividido em tópicos de acordo com uma linha do tempo e narram quando ocorreram os dois eventos, assim como os diferentes contextos históricos. Tais tópicos foram intitulados: “O primeiro voleibolista sul-rio-grandense nos Jogos Olímpicos” e “Dois sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos”.

### **O primeiro voleibolista sul-rio-grandense nos jogos olímpicos**

Logo após a participação da delegação brasileira nos Jogos de Roma, 1960, o Presidente da República Juscelino Kubitschek, em reunião com os dirigentes esportivos brasileiros, em 27 de setembro de 1960, resolveu instituir a “meta esportiva”. Tal ação teve por finalidade melhorar o rendimento da delegação brasileira nos JO de Tóquio, em 1964, pois foi constatado que os resultados obtidos nos JO de Roma não foram satisfatórios<sup>1</sup>. Isso demonstra que já se construía uma percepção do esporte enquanto uma dos campos de desenvolvimento de um país, assim como na construção das identidades nacionais vinculadas ao imaginário em torno do desempenho esportivo dos países no palco dos JO.

Segundo Vigarello (2008), a França também não teve um bom desempenho nos Jogos Olímpicos de 1960. Nesta edição, o país conquistou apenas cinco medalhas e nenhuma de ouro, resultado que foi considerado um desastre, uma humilhação para o esporte francês. Da mesma forma que o Brasil, o governo francês buscou alternativas para reverter a representação construída no evento. No caso do Estado francês, legitimou-se o objetivo esportivo com a criação de uma secretaria de Estado e, mais tarde, um Ministério dos Esportes (VIGARELLO, 2008).

No Brasil, em vista de melhorar a representação esportiva do país, formou-se uma comissão<sup>2</sup> que ficou encarregada de apresentar, no prazo de dez dias, o plano de trabalho para a execução da referida meta. Na reunião, realizada no Palácio da Alvorada, em Brasília, o Presidente da República examinou com os membros da comissão uma série de problemas relacionados com as atividades esportivas no país, inclusive referentes à falta de amparo oficial tanto ao esporte de alto rendimento quanto ao esporte amador (GOVERNO..., 1960).

---

<sup>1</sup> Nos JO de 1960, em Roma, o Brasil conquistou duas medalhas de bronze, ocupando a 40ª colocação no quadro geral de medalhas.

<sup>2</sup> A comissão foi formada pelos seguintes membros: ministro Geraldo Starling Soares (Presidente do CND), João Havelange (Presidente da CBD), coronel Gerônimo Bastos (Membro da Comissão Desportiva das Forças Armadas), Almirante Paulo Martins Meira (Membro do COB), João Correia da Costa (Representante das Federações Internacionais), Antonio Pereira Lira (Diretor da Escola de Educação Física do Exército), Ademar Ferreira da Silva (Representante dos Atletas Brasileiros), Luiz Tavares (Assistente Médico) e coronel Joffre Lelis (Oficial de Gabinete do Presidente da República), na condição de assessor da comissão.

Os desdobramentos, no entanto, não foram encontrados nas fontes.

Historicamente, o amadorismo é um assunto abordado no campo esportivo, porém ao longo dos anos a acepção de amadorismo se transforma de acordo com o contexto. Em meados do século XIX, o amadorismo estava vinculado ao imaginário de “uma cultura moralmente mais pura (...) que combinava noções de honra e de esforço” (VIGARELLO; HOLT, 2008, p. 434). Tal acepção de esporte amador afetou o significado do esporte no período, cuja prática “não consistia apenas em obter resultados, em perder ou em ganhar, mas era também portador de germes de desintegração social” (VIGARELLO; HOLT, 2008, p. 434), ou seja, era uma forma de distinção social (BOURDIEU, 1989). A concepção foi adotada pelo Barão de Coubertin, idealizador do movimento, como a filosofia norteadora dos JO. O amadorismo foi um dos principais elementos que guiaram o esporte olímpico ao longo do século XX.

O amadorismo retorna com força a pauta dos debates no campo esportivo nos anos de 1960. Todavia, somente a partir dos anos de 1980, o movimento olímpico incorporou, de forma gradual e contraditória, uma alteração em relação às seus condicionamentos inaugurais: o profissionalismo. A comissão executiva do Comitê Olímpico Internacional (COI), em reunião, anunciou que pretendia incluir uma nova e precisa definição de atleta amador ou profissional (JUDÔ E VOLIBOL..., 1961). Nela, foi possível perceber elementos de distinção social, pois havia a diferenciação de esportistas conforme a situação financeira. A respeito do significado do amadorismo, especificado pelo COI, depois de muitas discussões, o artigo 26 do regulamento define:

É amador o desportista que pratica e que sempre praticou o esporte sem obter lucro algum; Para poder ser considerado amador, o desportista deve justificar:

- 1- Que ocupa uma situação que lhe permite garantir a sua existência ou preparar o seu futuro;
- 2-Que não recebe, nem recebeu jamais, remuneração alguma por tomar parte numa competição esportiva;
- 3-Que observa os regulamentos da Federação Internacional do esporte que pratica (JUDÔ E VOLIBOL..., 1961).

Tal discurso impactou o mundo esportivo, mas sem alcançar os preparativos do próximo evento, pois ao mesmo tempo em que isso acontecia, a cidade de Tóquio continuava a empreender esforços para organizar os JO. Tóquio, desde 1940, manifestava interesse em ser cidade sede, mas a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que forçou a suspensão dos JO por dois períodos consecutivos, atingiu severamente o Japão. No entanto, após esse período conturbado, o país passou a crescer significativamente, obtendo a maior renda *per capita* da Ásia e uma alta taxa de desenvolvimento. Isso permitiu que o governo japonês investisse três bilhões de dólares para promover o evento olímpico em 1964 (CARDOSO, 2000).

Segundo o presidente do COI, o voleibol entrou na programação desta edição, mas sem nenhum compromisso para o futuro (JUDÔ E VOLIBOL..., 1961). Não havia garantias que essa modalidade estaria presente em outras edições e que os atletas tivessem outra chance de participação. Desta maneira, naquele momento, a modalidade representava uma oportunidade única para os voleibolistas. A inserção do voleibol nos JO tratava-se da concretização de um sonho compartilhado pelos envolvidos com a modalidade desde o Campeonato Mundial de Voleibol realizado em 1956 (PIMENTEL, 2011). “Presente a todos

os Campeonatos Mundiais, a partir de 1956, o Brasil irá agora à primeira Olimpíada onde o voleibol figura entre as modalidades em disputa” (VOLEIBOL..., 1964, p. 15). Juntamente com o voleibol, outro esporte estreou na competição: o judô.

Na ocasião, JO de 1964, a delegação brasileira que representou o país foi composta de 69 atletas, com apenas uma mulher<sup>3</sup>. Entre os atletas, dois eram provenientes do Rio Grande do Sul: Mauri Fernandes Fonseca, da natação, e Marco Antônio Volpi, do voleibol. Na época, ambos eram vinculados ao Grêmio Náutico União (GNU) de Porto Alegre. De acordo com um jornal da época, o Brasil “participará apenas do torneio [de voleibol] masculino, tendo nove países adversários, dentre eles os melhores praticantes mundiais deste esporte, como a URSS, Romênia, Tcheco-Eslováquia e Hungria” (VOLEIBOL..., 1964, p. 15).

O atleta Marco Antônio Volpi nasceu em Porto Alegre, no dia primeiro de julho de 1943, no Bairro Navegantes. Desde a infância praticava esportes na Sociedade Ginástica Navegantes São João e na Praça Pinheiro Machado em Porto Alegre. Somente aos 15 anos de idade começou a se dedicar ao voleibol e, em pouco tempo, mostrou-se talentoso para o esporte. Com o seu destaque na prática esportiva, Marco Volpi trocou a Sociedade Ginástica Navegantes São João para treinar no GNU. Já no ano seguinte, com 16 anos, participou do Campeonato Brasileiro Juvenil de Voleibol em Volta Redonda, Rio de Janeiro, onde recebeu destaque pela imprensa da época: “dois juvenis que brilharam em Volta Redonda, no certame nacional da categoria, no ano passado: Marco Antonio Volpi e Vitor H. Pietzch” (VOLIBOL..., 1960). O reconhecimento o levou a rapidamente integrar a equipe adulta do clube.

Na equipe adulta do GNU, venceu o campeonato estadual de voleibol de 1961. Esta vitória permitiu à equipe do GNU obter uma vaga para representar o estado na primeira disputa do Troféu Brasil de Voleibol – Taça Guarani. Nessa competição obteve de forma invicta o título nacional interclubes, com a equipe formada pelos seguintes atletas: Antônio C. Gonçalves, Antonio C. Lampert, Carlos R. Py, Claudio Behrend, Gilberto Assis Brasil, Jorge Luiz Lobo D’Avila, Julio Cezar Volpi, Juremir Goldani, Leão Szpiczkowski, Marco Antônio Volpi, Vitor Hugo Pietzsch e Wilson Moschini (HOFMEISTER, 1996).

O bom rendimento continuou no ano seguinte, em 1962, quando Marco Volpi participou do Campeonato Brasileiro Adulto em Campinas, São Paulo. Este período lhe rendeu uma coleção de vitórias, inclusive neste mesmo ano, integrou a equipe brasileira que representou o país no Campeonato Sul-Americano no Chile, no qual se sagrou campeão. Em seguida, no Campeonato Mundial na Rússia, ele foi testemunha de um momento histórico, quando a equipe brasileira conheceu o fundamento “manchete”, novidade para a época, uma vez que, no Brasil, a recepção da bola ainda era realizada com o “toque”.

Assim, a equipe brasileira se deparou com um desafio inusitado, em razão de ter apenas três dias para treinar, ou melhor, conhecer o novo fundamento antes da estreia no campeonato mundial (VOLPI, 2013). Após o campeonato mundial, a situação política internacional afetou os planos da equipe brasileira. A previsão era fazer vários jogos pelo país europeu, mas devido ao embargo dos Estados Unidos a Cuba, a Confederação Brasileira de Voleibol achou mais prudente a retirada da delegação brasileira da União Soviética. Este país

---

<sup>3</sup> A atleta do salto em altura Aida dos Santos, que ficou em quarto lugar no evento olímpico. Maiores informações, ver o documentário “Aida dos Santos: uma mulher de garra”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=V8UKGPsajeU>>.

era integrante da Cortina de Ferro, que foi denominação da divisão política-econômica da Europa, separada em Ocidental e Oriental, após a Segunda Guerra Mundial.

No retorno ao Brasil, Marco Volpi também participou das competições de voleibol nos Jogos Pan-Americanos realizados em São Paulo no ano de 1963 (VOLEIBOL..., 1964; HOFMEISTER, 1996). Depois desse evento e da conquista do tricampeonato estadual de voleibol pelo GNU, ficou um período sem participar de competições. Na época, a carreira de Marco Volpi estava na pendência da transferência para o Botafogo de Futebol e Regatas do Rio de Janeiro, mas um problema com as datas de transferência para o clube carioca fez com que ele ficasse sem jogar. A notícia foi publicada no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, que ressaltou o conflito de argumentos entre federação e clube:

Os dirigentes do clube afirmam que a transferência entrou em 29 de fevereiro - último dia que o atleta ficaria isento de estágio - e apresentam como prova um protocolo daquela data, firmado por funcionário da Federação. A Secretaria da entidade acusa ter recebido o documento somente em 6 de março, o que obrigará Marco Antônio a cumprir um ano de estágio (CHOQUE DE DATAS..., 1964, p. 15).

Quando foi divulgada a convocação para os JO de Tóquio, o atleta estava afastado das disputas, mas continuava treinando<sup>4</sup>. Marco Volpi não participou de competições, esperando o tempo de estágio, mas mesmo nessas condições, foi convocado para integrar a delegação brasileira rumo aos JO de 1964. Afinal era considerado um ótimo jogador de voleibol e, possivelmente por se destacar na habilidade de desenvolver o novo fundamento, a manchete.

Como o voleibol estreava no programa olímpico, não foi atribuída a equipe brasileira, a responsabilidade de conquistar medalhas, como anunciava a imprensa na época: “voleibol vai a Tóquio sem chance de medalha e disposto a aprender” (VOLEIBOL..., 1964, p. 15). Carlos Arthur Nuzman, que na época era um dos jogadores da equipe, declarou: “Levávamos a máxima do barão ao pé da letra. O importante era competir. Ganhar medalha nem passava pela nossa cabeça” (CARDOSO, 2000, p. 272). Dessa forma, o Jornal do Brasil destaca a participação brasileira nos JO com certa franqueza e uma opinião realista: “Sem chance de conquistar qualquer medalha e com remotas possibilidades de classificar-se até o sexto lugar, o voleibol brasileiro segue hoje para os Jogos Olímpicos de Tóquio, disposto principalmente a aproveitar as lições que o raro convívio com os centros mais adiantados oferece” (VOLEIBOL..., 1964, p. 15).

Nessa edição dos Jogos, a equipe brasileira de voleibol jogou nove partidas, sofrendo seis derrotas e conquistando três vitórias, obtendo a sétima colocação na competição. No Japão, diversos atletas apresentaram problemas com lesões e esta circunstância, de certa forma, comprometeu o rendimento da equipe brasileira. Apesar disso, Marco Volpi foi considerado o melhor atleta brasileiro da competição (PIMENTEL, 2011). De acordo com

---

<sup>4</sup> A princípio foram convocados 12 jogadores para os JO, mas às vésperas da competição o COB informou que a equipe de voleibol só poderia levar 10 jogadores, ocasionando a exclusão de dois atletas. Essa situação acarretou a publicação de um Relatório Técnico redigido pelo técnico da seleção Sami Mehlinsky, no qual ele demonstra certo descontentamento em dispensá-los e justifica por meio de aspectos técnicos tais escolhas. A falta de domínio do novo gesto técnico, ou seja, a manchete foi um das justificativas para a dispensa de atletas (PIMENTEL, 2011).

Valmy Volpi, irmã de Marco Volpi, “ele foi escolhido entre os seis melhores jogadores da Olimpíada” (VOLPI; VOLPI; VOLPI, 2003, p. 8). Marco Volpi, por sua vez, não garante que isso seja verdade, pois só foi saber disso depois dos JO por meio de um jornalista de Porto Alegre (VOLPI; VOLPI; VOLPI, 2003).

Após a participação nos JO de Tóquio, Marco Volpi retornou para Porto Alegre, mas no ano seguinte, em 1965, conseguiu, finalmente, assinar contrato com um clube carioca: Botafogo de Futebol e Regatas. Dois anos depois, ele se viu obrigado a regressar novamente para o Rio Grande do Sul, devido às dificuldades enfrentadas no Rio de Janeiro. Declarou: “Vim para o Rio Grande do Sul, pois não ganhava nada no Rio de Janeiro. Eu não tinha o segundo grau, não tinha faculdade, não tinha nada, como progredir?” (VOLPI, 2013, p. 8).

Em Porto Alegre, retomou as suas atividades e continuou a participar de competições, para, em seguida, integrar a equipe que foi para os Jogos Pan-americanos de 1967, em Winnipeg, Canadá. Na competição, a equipe brasileira se destacou e conquistou a medalha de prata, perdendo a medalha de ouro para os Estados Unidos. Tal feito deu esperanças para o próximo grande evento esportivo do calendário, os JO do México, no ano seguinte, em 1968, o qual Marco Volpi também participou das disputas de voleibol (VOLPI, 2013).

### **Dois sul-rio-grandenses no voleibol dos jogos olímpicos**

Assim como nos Jogos de Tóquio, a delegação brasileira retornou com apenas uma medalha: bronze no basquete masculino. O resultado pouco expressivo foi questionado e quase comprometeu a participação brasileira nos JO seguintes, no México, em 1968. A desconfiança com relação ao resultado brasileiro teve manifestações contrárias, inclusive do presidente da República na época, Marechal Castelo Branco. Não conformado com o rendimento dos atletas, ameaçou a instauração de um inquérito policial-militar para apurar os gastos e investigar a convocação de 83 atletas. Naquela época, o imaginário em torno da participação em JO já possuía contornos de heroísmo (RUBIO, 2004): “Ser Olímpico é o maior prêmio que um amador pode obter no Brasil” (OS OLÍMPICOS..., 1968, p. 49).

A investigação não foi adiante e, passada a crise, o COB decidiu que só mandaria ao JO do México os atletas que pudessem obter resultados até sexto lugar. Os índices individuais e as metas a serem cumpridas pelos esportes coletivos foram muito exigentes, mas esta condição não desestimulou os atletas, pressionados a alcançar marcas que incluíam estar entre as dez melhores equipes do mundo. Porém, na hora de escalar a delegação para ir aos JO, as exigências foram menores (OS OLÍMPICOS..., 1968). “Nós abrimos mão da rigidez dos índices como um estímulo aos jovens que se dedicaram, apesar de todas as dificuldades e com sacrifícios incríveis, a fazer esporte amador no Brasil” (OS OLÍMPICOS..., 1968, p. 49).

Para essa edição dos JO foram convocados 84 atletas, dentre eles, apenas três eram mulheres (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004). As atletas ainda enfrentavam grandes desafios para se inserir no universo esportivo, inclusive o olímpico. Vale lembrar que desde as primeiras edições do evento, o Barão de Coubertin não as aceitava nas disputas (HOLT; VIGARELLO, 2008). Quanto à modificação dos critérios de convocação, o Presidente do COB na época, o Major Sylvio de Magalhães Padilha, fez uma declaração que ressalta as dificuldades enfrentadas pelos atletas, principalmente quanto à parte financeira. Possivelmente, o crescimento das representações internacionais nos JO, ao longo dos anos, colaborou para que se impulsionasse a profissionalização dos atletas, apesar deste evento ter sido inaugurado para atuar contra esta situação.

Tais indícios podem ser vistos na fala do Major Sylvio de Magalhães Padilha que se dizia contrário a delegações numerosas:

É preciso notar que a Olimpíada atrai a fina flor dos atletas de todo o mundo. Quase 9 mil atletas, de 119 países, estarão lutando pelos seis primeiros lugares que representam a classificação. A nossa equipe é o que existe de melhor no Brasil e tem grande categoria no continente, mas em relação ao mundo inteiro é fraca. A grande maioria vai mesmo como prêmio, representando todos os que lutam para o amadorismo não morrer. Estamos quase desiludidos do apoio que temos pedido ao Ministério da Educação, para que ele adote outra orientação em relação à vida física do estudante. Sem esta mudança o esporte amador não sobreviverá e vamos acabar não tendo quem mandar às Olimpíadas com o uniforme do Brasil (OS OLÍMPICOS..., 1968, p. 49).

A delegação brasileira, além de Marco Volpi, tinha mais três atletas oriundos de clubes do estado do Rio Grande do Sul: Celso Scarpini (Basquetebol), Edgar Gijzen (Remo), Gérson Albino Schuch (Voleibol), que fazia sua segunda participação em JO. Com exceção de Marco Volpi, que estava vinculado ao Grêmio Náutico Gaúcho (GNG), os demais atletas eram vinculados do GNU.

Gérson Albino Schuch nasceu em 22 de janeiro de 1946, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Aos dois anos de idade migrou com os pais para a capital do estado: Porto Alegre. Ele cresceu nesta cidade praticando esportes, pois sua família valorizava a prática esportiva. Os seus pais praticavam várias modalidades: ginástica, atletismo, basquetebol, hipismo e voleibol. Do mesmo modo que Marco Volpi, Gérson Schuch também iniciou sua vida esportiva na Sociedade Ginástica Navegantes São João, onde, desde cedo, praticou voleibol, basquetebol e punhobol<sup>5</sup> nas categorias infantil e juvenil, obtendo diversos títulos.

No entanto, foi no basquetebol que ele encontrou a primeira oportunidade de crescimento na trajetória como atleta. Depois de jogar na Sociedade Ginástica Navegantes São João, passou a representar a Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA), onde foi tetracampeão juvenil. Também jogou no Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre, onde foi campeão gaúcho de basquetebol de 1967.

Conquistas no punhobol também anteciparam as vitórias no voleibol. Naquele mesmo ano, 1967, Gérson Schuch integrou a seleção brasileira juvenil que disputou o Campeonato Mundial de Punhobol na Áustria. Foi ainda campeão sul-americano e campeão sul-americano interclubes de punhobol pela Sociedade Ginástica Navegantes São João. Gérson Schuch pode ser considerado um ótimo praticante de esportes com bola nas mãos. Contudo, desde cedo, as questões referentes ao amadorismo e ao profissionalismo, também fizeram parte da carreira deste atleta, sobre o qual declara: “no Rio Grande do Sul e no Brasil, mais ou menos em 1964, 1965, passamos por aquilo que se chamava de profissionalismo marrom, ganhava-se por fora. Eu tive muitas vantagens” (SCHUCH, 2013, p. 2). Esses indícios do chamado profissionalismo marrom denotam as mudanças na configuração esportiva, com o enfraquecimento do amadorismo nos clubes e gradualmente a maior aceitação do

---

<sup>5</sup> Esporte de origem germânica praticado nas sociedades de ginástica (OLIVEIRA, 1987).

profissionalismo na década de 1980.

Enquanto o amadorismo era sinônimo de esporte, este esportista buscava conciliar estudo e vida de atleta. Em meio a tantas competições, Gérson Schuch, também cursou engenharia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Relata a rotina de sua vida esportiva:

Em toda a minha vida, eu treinei todos os dias. Na época da universidade treinava à noite, porque estudava de dia. Naquela época não existia o profissionalismo de hoje que obriga o atleta a jogar ou ter uma profissão. Teve um ano de engenharia que eu passei praticamente seis meses do ano viajando. Quando voltava tinha que recuperar, só que todos os professores sempre foram cientes que eu estava representando o Rio Grande do Sul e o Brasil. Nunca tive problemas de conciliar, eles tinham esse entendimento (SCHUCH, 2013, p. 2).

Foi nesta época que Gérson Schuch passa a se dedicar mais às quadras de voleibol. Estudante de engenharia e reconhecido como atleta de basquetebol e de punhobol, Gérson Schuch também conquistou destaque no voleibol. Nesse esporte, durante a transição da categoria juvenil para o adulto passou pelas equipes de dois clubes, o GNU e o GNG de Porto Alegre (SCHUCH, 2013). Em 1967, juntamente com Marco Volpi, foi convocado para a seleção brasileira de voleibol para disputar os Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, Canadá, competição na qual ficaram na segunda colocação (GÉRSO..., 1968). Essa conquista o impulsionou a realizar o sonho olímpico.

No ano seguinte, em 1968, participou da seleção brasileira de voleibol nos JO do México. Desta vez, os treinamentos da equipe brasileira foram concentrados em Campos do Jordão, Rio de Janeiro, pois a cidade tem altitude<sup>6</sup> que simularia as condições encontradas no México. No entanto, mesmo com a preparação na altitude e a chegada com antecedência ao México, os países europeus eram superiores tecnicamente.

De acordo com Gérson Schuch, essa época marca os primeiros passos do Brasil no voleibol rumo a um trabalho profissional e de uma mudança de mentalidade. Para o atleta foi o momento de passagem para uma situação mais efetiva, com a constituição de uma seleção permanente, que comparecia a todos os jogos e que passou a fazer contatos constantes com a Europa. Revelou que: “de 1968 até 1973 eu fui cinco ou seis vezes para a Europa em campeonatos na Tchecoslováquia, na Alemanha, antiga Alemanha Oriental, que tinha voleibol de primeiríssima qualidade” (SCHUCH, 2013, p. 4).

Segundo Gerson Schuch (2013), na época dos JO de 1968, o Brasil não tinha a projeção que tem hoje, chegando ao primeiro lugar em várias competições de voleibol. Na América do Norte e do Sul, os Estados Unidos, Cuba e Peru tinham bons times, já o Brasil era respeitado, mas não ficava entre os primeiros. Os países da Cortina de Ferro é que estavam sempre em primeiro lugar nas competições: Bulgária, Polônia e Tchecoslováquia.

Na edição dos JO de 1968, a seleção brasileira de voleibol ficou em nono lugar na classificação final, ou seja, uma posição inferior aos JO de 1964 (COMITÊ OLÍMPICO

---

<sup>6</sup> A realização dos JO em uma cidade de altitude tão elevada foi muito questionada na época, pois poderia prejudicar algumas modalidades e privilegiar outras (PIMENTEL, 2011)

BRASILEIRO, 2004; SCHUCH, 2013). Conforme Marco Volpi, que juntamente com Gérson Schuch participava da equipe brasileira, o baixo rendimento na competição foi devido à falta de entrosamento entre os jogadores e o técnico.

Volpi revelou que havia grande descontentamento dos jogadores para com o técnico, pois os tratava com uma autoridade excessiva e não orientava os atletas da forma que os atletas entendiam como sendo adequada (VOLPI, 2013). Pimentel (2011) revela que o técnico brasileiro realizava treinos pelas manhãs, mesmo em dias de jogos, e isso causou certo descontentamento nos jogadores. Em boicote, alguns dos atletas passaram a não comparecer nos treinos e, posteriormente, houveram pedidos de dispensas médicas. Tal situação de indisciplina ocasionou o afastamento de diversos jogadores da seleção após os JO.

Quando retornou dos JO, Gérson Schuch continuou a integrar a equipe do GNU. Todavia, era uma prática comum entre os atletas da capital a troca de clubes para incrementar as disputas nos campeonatos estaduais no Rio Grande do Sul, como também era uma maneira de manter os atletas ativos em competições. Relata o atleta: “Naquela época também nos dividíamos entre os clubes, para ter adversário, para evoluir. No início do ano pagava-se a taxa de transferência e íamos. Era benéfico para o Esporte. Caso contrário, só teríamos um campeonato sul brasileiro ou brasileiro para jogar” (SCHUCH, 2013, p. 6).

Gérson Schuch integrou a seleção brasileira de voleibol até o ano de 1973, depois deste período dedicou-se aos campeonatos estaduais para ficar mais tempo em sua cidade. Assim pode intensificar os estudos para formar-se engenheiro. O esporte continua fazendo parte da vida deste atleta. Gérson nunca abandonou o voleibol e, atualmente, com quase 70 anos joga na categoria máster.

De acordo com Gérson Schuch, a categoria máster no voleibol é mais tranquila, por não existir a obrigação de ganhar a qualquer custo (SCHUCH, 2013) e, ainda viver as experiências de atleta, como viagens e competições, onde pode ter contato com outros esportistas e manter essa identidade. Quando tinha 67 anos, em entrevista, relatou que estava treinando na SOGIPA, visando à participação em uma competição internacional na cidade de Turim, Itália no mês de agosto de 2013. “Vai um time brasileiro, vão ex-atletas olímpicos também. Nós sempre fizemos alguns bons jogos com o pessoal da antiga Cortina de Ferro, os Estados Unidos vão sempre, então é uma coisa boa estar no Máster (SCHUCH, 2013, p. 6-7). Ao manter o vínculo com a prática esportiva, Gérson Schuch atualiza constantemente a sua memória esportiva, ao ter contato com outros atletas que fizeram parte do seu passado e que ainda vivem a prática do voleibol.

Diferentemente de Gérson Schuch, após os JO de 1968, quando tinha 25 anos de idade, Marco Volpi parou de participar de competições nacionais e internacionais, visto que tinha outros objetivos para sua vida e não poderia se dedicar ao esporte como antes (VOLPI; VOLPI; VOLPI, 2003). No entanto, não abandonou a sua identidade esportiva e sua atuação no esporte. Nos anos que se seguiram, concluiu o curso de Licenciatura em Educação Física e começou a trabalhar como técnico da modalidade no GNU, GNG e SOGIPA. Além disso, foi professor do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Porto Alegre (IPA) e funcionário do estado do Rio Grande do Sul, trabalhando no CETE (Centro de Treinamento Esportivo), em Porto Alegre (VOLPI, 2013).

## **Considerações finais**

Ao investigar os silêncios da história do esporte olímpico nacional e sul-rio-grandense,

espera-se contribuir para preservar a memória esportiva brasileira. Medalhar ou não, na grande maioria das vezes, é um fato que faz com que um atleta seja reconhecido por sua glória ou fique à penumbra do esquecimento. Por meio das narrativas de Marco Volpi e Gérson Schuch percebemos o quão rica foi a vida esportiva desses dois atletas olímpicos, embora não tenham conquistado medalhas.

Ambos são de um período histórico no qual o esporte era marcado pelo amadorismo no voleibol e a concepção de atleta era diferente da que temos hoje. Fortemente influenciados por suas famílias, frequentaram clubes da capital sul-rio-grandense, onde praticaram diversas modalidades esportivas de forma concomitante. Ainda se revezavam nas equipes da capital, para deixar os campeonatos locais mais competitivos. Além disso, viveram o voleibol com certa intensidade, mas, ao mesmo tempo, escolheram seguir carreiras profissionais, pois, enquanto atletas, não teriam futuro longo visto o amadorismo desse esporte na época.

Marco Volpi, o primeiro atleta do estado do Rio Grande do Sul nos JO, mesmo tendo que se adaptar, ou melhor, aprender um novo gesto técnico às vésperas da competição olímpica, foi o destaque brasileiro no evento, vindo a ser considerado um dos melhores jogadores da competição. Gérson Schuch, por sua vez, se destaca ao demonstrar ser um atleta de qualidade em mais de um esporte, vindo também a competir no basquetebol e punhobol. Ambos, apesar das dificuldades da época e do predomínio de atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo nas seleções brasileiras, conquistaram espaço no cenário nacional e foram convocados. Também se pode concluir que a experiência olímpica, de alguma forma, se manteve presente na memória e na vida dos atletas, pois ambos deram continuidade às suas práticas, seja como forma de atividade física, sociabilidade, lazer, ou como carreira profissional.

Por fim, cabe referir que os JO são marcos nas vidas desses atletas, representando o ápice de suas carreiras como jogadores. Mas, contudo, remontam apenas uma pequena parte da trajetória esportiva de ambos.

## **NARRATIVES OF VOLLEYBALL ATHLETES IN THE OLYMPIC GAMES (1964 AND 1968)**

### **Abstract**

This study aims to reconstruct the memories of the participations of Volleyball athletes from Rio Grande do Sul in the Olympic Games, in the years 1964 and 1968. In this way, through oral history, seeks historicizing narratives of the sport life of the first athletes from Rio Grande do Sul to participate in the volleyball in the Olympic Games: Marco Antonio Volpi and Gerson Albino Schuch through oral history. Marco Volpi was present in the Olympic Games in Tokyo (1964), and he was considered the best Brazilian player in the competition. He was member of the Brazilian volleyball team again in 1968 Olympics in Mexico, along with his team mate Gerson Schuch. Both of them were players of other sports clubs of Rio Grande do Sul capital, and both standing out in volleyball. The statements show that the Olympic experience is constantly updated in the athlete's memory that lives, as well as assists in the construction of its sporting identity.

**Keywords:** Volleyball. Sports History. Olympics.

## **NARRATIVAS DE ATLETAS DE VOLEIBOL EN LOS JUEGOS OLÍMPICOS (1964 Y 1968)**

### **Resumen**

Este estudio tiene como objetivo reconstruir los recuerdos de las participaciones de los atletas de Voleibol del Rio Grande del Sur en los Juegos Olímpicos de 1964 y 1968. De esta manera se busca, a través de la historia oral, historizar narraciones de la vida deportiva de los primeros atletas del Río Grande del Sur para participar en el deporte de voleibol en los Juegos Olímpicos: Marco Antonio Volpi y Gerson Albino Schuch. Marco Volpi fue considerado el mejor jugador de Brasil en la competición, en los Juegos Olímpicos de Tokio (1964). Él fue miembro de la selección brasileña de voleibol de nuevo en los Juegos Olímpicos de 1968 en México, junto con su compañero Gershon Schuch. Ambos eran practicantes de otros clubes deportivos de la capital de Rio Grande del Sur, además de se destacar en el voleibol. Las declaraciones muestran que la experiencia olímpica se actualiza constantemente en la memoria del atleta que vive, así como ayuda en la construcción de su identidad deportiva.

**Palabras-clave:** Voleibol. Historia de los Deportes. Juegos Olímpicos.

## Referências

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BARROS, J. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, vol. 3, n.5, jan.-jul., 2009.
- BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 1979.
- CARDOSO, M. **O arquivo das olimpíadas**. São Paulo: Panda Books, 2000.
- CHOQUE DE DATAS causa celeuma no vôlei para transferir um atleta. **Jornal do Brasil**, São Paulo, n. 113, p. 15, 15 maio 1964. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2012.
- COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Sonho e conquista: o Brasil nos Jogos Olímpicos do Século XX**. Rio de Janeiro, 2004.
- GÉRSO Albino Schuch. **Jornal do Brasil**, São Paulo, n. 121, p. 22, 28 ago.1968. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 8 nov. 2012.
- GOVERNO anuncia “meta esportiva” e forma comissão. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 20709, p. 29, 28 set. 1960. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 26 nov. 2012.
- HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Félix Alcan, 1925.
- \_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOFMEISTER, C. **90 anos do Grêmio Náutico União – “O clube das três sedes” (1906-1996)**. Álbum comemorativo. Porto Alegre, 1996.

JUDÔ E VOLIBOL foram incluídos nos Jogos Olímpicos. **Correio da Manhã**, n. 20933, p. 28, 22 jun.1961. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 23 set. 2012.

MARTINI, S. R. B. **Memórias dos atletas olímpicos dos clubes sul-rio-grandenses (1960-1972)**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MARCHI JÚNIOR, W. Subsídios para uma discussão sociológica sobre a evolução do Voleibol. **Conexões** (UNICAMP), Campinas, n.4, 2000. p. 128-135.

MAZO, J. Z. Olimpíadas, História e Memória: esportistas sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos (1920 a 1960). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 13, 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014. v.13, p. 361-368.

OLIVEIRA, P. **A imigração alemã e a introdução do punhobol no Rio Grande do Sul**. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano). Universidade Federal de Santa Maria, 1987.

OS OLÍMPICOS. **Revista Veja**, São Paulo, n. 3, p. 49, 25 set.1968. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

PIMENTEL, R. F. **História do Voleibol no Brasil**. Niterói: Nitpress, 2011. vol. 2.

RUBIO, K. **Heróis olímpicos brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

\_\_\_\_. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

\_\_\_\_. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. Editora do Sesi – SP, São Paulo, 2015.

SILVA, L. H. R.; PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. O uso das fontes orais nas pesquisas em História do Esporte: memórias da Corrida do Fogo Simbólico. **Cinergis (UNISC)**, Santa Cruz, v. 14, 2013. p. 166-171.

SILVA, K.; SILVA, M. **Dicionário de Conceitos Históricos**. Ed. Contexto, São Paulo, 2006.

SCHMIDT, J. A.; SANTOS, K. M. **Grande sacada: a trajetória do vôlei gaúcho campeão**. Canoas: Ed. ULBRA, 1999.

SCHUCH, G. A. **Gérson Albino Schuch**: depoimento 20 fev. 2013. Entrevistador: Sergio Roberto de Brito Martini. Porto Alegre: 2013. Entrevista concedida ao Projeto Esporte e Educação Física no Rio Grande do Sul: Estudos Históricos.

VIGARELLO, G. Treinar. *In*: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do Corpo: as mutações do olhar**. O século XX. Petrópolis: Vozes, v. 3, 2008. , p.

197-250.

VIGARELLO, G.; HOLT, R. O corpo trabalhado – Ginastas e esportistas no século XIX. *In*: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do Corpo: da revolução à grande guerra**. Petrópolis: Vozes, v. 2, 2008. p. 445-480.

VOLEIBOL vai a Tóquio sem chance de medalha e disposto a aprender. **Jornal do Brasil**, São Paulo, n. 231, p. 15, 30 set. 1964. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2012.

VOLIBOL. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 20659, p. 39, 31 jul. 1960. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

VOLPI, J. C., VOLPI, M. A. e VOLPI, V. **Júlio César Volpi, Marco Antônio Volpi e Valmy Volpi**: Depoimento 23 out. 2002. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEF/UFRGS, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49966/000728633.pdf?sequence=1>>

VOLPI, M. A. **Marco Antônio Volpi**: Depoimento 10 fev. 2013. Entrevistador: Sergio Roberto de Brito Martini. Porto Alegre: 2013. Entrevista concedida ao Projeto Esporte e Educação Física no Rio Grande do Sul: Estudos Históricos.

.....

Recebido em: 02/12/2014

Revisado em: 18/05/2015

Aprovado em: 06/10/2015

Endereço para correspondência:

[eduardok.carmona@hotmail.com](mailto:eduardok.carmona@hotmail.com)

Eduardo Klein Carmona

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola Superior de Educação Física.

Rua Felizardo, 750

Jardim Botânico

90690-220 - Porto Alegre, RS - Brasil